

**O RESSURGIR PENTECOSTAL:  
UM DESAFIO PARA A PASTORAL E A  
TEOLOGIA**

*Nenhum pastoralista ou teólogo sério poderá, hoje, fazer ouvido de mercador diante do fenômeno pentecostal que cresceu, de forma espantosa, nas duas últimas décadas. O pentecostalismo, na forma atual da militância aguerrida de milhares de membros de igrejas autônomas, constitui-se, no cenário religioso nacional, verdadeiro desafio tanto à hegemonia da Igreja Católica quanto ao projeto cristão enquanto tal. Pois ele, apesar de reivindicar uma origem cristã, carece de parâmetros teológicos e cristológicos que lhe garantam uma autenticidade cristã. Nesse sentido não é impertinente perguntar-se se o pentecostalismo é realmente cristão ou se não passa de mero fenômeno cultural mesclado com elementos cristãos. Num nível mais radical: seria incorreto caracterizar o pentecostalismo, em algumas de suas expressões, como uma forma religiosa compensatória?*

*O pentecostalismo, vindo dos Estados Unidos, teve duas portas de entrada no Brasil, no início deste século. Seu primeiro filão foi constituído pela Congregação Cristã do Brasil, fundada por um imigrante de origem italo-americana, em 1910, na capital paulista. O segundo filão foi constituído pela Assembléia de Deus,*

*fundada por dois norte-americanos de origem sueca, em 1911, em Belém do Pará.*

*De lá para cá, tem-se multiplicado, de forma incontrolável, o número de igrejas pentecostais, a custa do esfacelamento das Igrejas protestantes históricas e da sangria das hostes católicas, cujos fiéis não cessam de migrar para o pentecostalismo de corte protestante.*

*Em "Os Demônios descem do Norte" (Francisco Alves, 1987), Dêlcio Monteiro de Lima situou o fenômeno do pentecostalismo num amplo quadro ideológico-político, interpretando-o como tentativa alienígena de impor, à América Latina, padrões psicossociais e culturais que neutralizassem os esforços de afirmação da identidade latino-americana. Neste caso o pentecostalismo mediará uma política de manutenção da secular dominação a que nosso Continente está submetido.*

*Embora esta posição radical possa ter parte de verdade, evidentemente, não explica, de modo nenhum, esse surto gigantesco do movimento pentecostal no mundo, na América Latina e no Brasil. Sem dúvida, o regime militar aproveitou-se das possibilidades alienantes de certas presenças pentecostais, favorecendo-as em detrimento de atitudes proféticas da Igreja Católica e de outras Igrejas Protestantes.*

*O pentecostalismo encontra, indubitavelmente, sua força principal na maneira como responde a certas demandas da modernidade urbana, sobretudo em relação às camadas mais pobres. Ele é filho da modernidade, enquanto valoriza o individualismo, o subjetivismo, o espontaneísmo, a autonomia, a experiência, e, em termos bem atuais, explora a dimensão de marketing, servindo-se dos recursos tecnológicos mais sofisticados. Promete, e, sob certos aspectos, realiza, melhorias materiais quanto à saúde, o bem-estar, o rendimento econômico, na vida de seus membros, sobretudo os altamente carentes. Destarte oculta o processo de empobrecimento a que está submetida uma imensa multidão de vítimas indefesas do neoliberalismo imoral e selvagem, de cujos tentáculos ninguém pode considerar-se livre.*

*Dentre as igrejas pentecostais, a Igreja Universal do Reino de Deus destaca-se como ilustração perfeita deste fato. Não seria correto considerá-la só como um fenômeno religioso ou teológico. Envolve aspectos mercadológicos com tudo o que isto significa na moderna concepção de economia.*

O pentecostalismo comporta, também, elementos de pós-modernidade. Ele pode ser tomado como resposta a uma busca eclética de religiosidade, expressão típica do movimento de volta ao sagrado, que se processa no coração do homem pós-moderno. Um sagrado marcado pelo emocional, pela forma exaltada de rezar, pela busca de intervenção direta da divindade na história humana. Este sagrado freqüentemente não transforma o indivíduo a partir de suas estruturas existenciais mais profundas, tocando antes a superficialidade dos sentimentos e das emoções. A solidão, na qual está mergulhado o homem pós-moderno, encontra no pentecostalismo uma válvula de escape. O discurso e as práticas das igrejas pentecostais têm um público garantido entre os desesperados, os angustiados, os desiludidos da vida, os que buscam, na bebida e nos vícios, uma solução para seus dramas pessoais, os que vivem desnorteados pela ausência de padrões éticos e religiosos.

O pentecostalismo é, ao mesmo tempo, um filho rebelde da modernidade e da pós-modernidade, enquanto, chocando-se com a racionalidade instrumental, vê os indivíduos submetidos a forças demoníacas, e dependentes dos poderes sobrenaturais dos exorcistas, como acontecia em tempos antigos. Igualmente, ao fazer uma leitura fundamentalista da Bíblia, o pentecostalismo vai na contramão do ideal moderno. Some-se a isso, a dependência exagerada dos indivíduos em relação às imposições éticas, doutrinárias e políticas das igrejas, restringindo o espaço da liberdade; o cultivo do fanatismo e da intolerância religiosa; a crença num escatologismo apocalíptico.

Nas periferias das grandes cidades as comunidades católicas perdem-se no mare magnum de igrejas pentecostais, marcadas, não raramente, por um espírito anti-ecumênico e proselitista. Aí a Igreja Católica sobrevive como uma igreja a mais, impossibilitada de levar adiante qualquer tentativa de diálogo. O proselitismo das igrejas pentecostais atinge principalmente aqueles católicos cuja formação religiosa é precária, que não têm vivência eclesial ou são marginalizados pela ação da própria Igreja. Entretanto, não poucos católicos militantes e entrosados na vida das comunidades têm-se bandado para as igrejas pentecostais, onde encontram refúgio nos momentos de dificuldades com a comunidade eclesial, ou nos entreveros com os presbíteros. O sentido de pertença eclesial revela-se, assim, extremamente fragilizado. Estaria o catolicismo padecendo de uma fluidez tal que o tornou incapaz de forjar a identidade da grande maioria de seus membros?

Paralelamente aos desafios pastorais, o pentecostalismo suscita um leque de questões teológicas. O simples fato de os pentecostais proclamarem que o Espírito Santo continua a prodigalizar, abundantemente, dons extraordinários desafia a teologia a repensar esta problemática com acuidade. Além disso o movimento pentecostal sinaliza para um tema olvidado ou mal abordado na teologia: a questão dos carismas. A prevalência do institucional sobre o carismático e a tentação de enquadrar juridicamente os componentes da realidade eclesial fizeram com que se menosprezasse um elemento importante do cristianismo primitivo: a riqueza de dons concedidos pelo Espírito à Igreja. Uma reavaliação desta temática poderia evitar interpretações anacrônicas do texto bíblico, que leva a privilegiar, hoje, de maneira ingênua, certos modelos eclesiais das primitivas comunidades cristãs.

A facilidade com que o nome de Jesus é proclamado e invocado põe em questão a cristologia veiculada nos ambientes pentecostais. O nome Jesus tornou-se uma palavra mágica, mil vezes repetida, em busca de satisfação de necessidades prementes. Trata-se de um Jesus que traz alívio para as consciências, bem-estar para os corações, tranquilidade diante dos problemas deste mundo, alienação em relação a um compromisso social efetivo. Esta cristologia intimista, emocional e sem consistência dogmática tende a ter fôlego curto. Donde a necessidade de possibilitar a quem se sente atraído pelo pentecostalismo uma correta catequese cristológica, firmemente alicerçada na Tradição evangélica e na Tradição cristológica que se forjou através dos tempos, na fidelidade à mais lídima fé apostólica.

A teologia, que fundamenta o pentecostalismo, não deixa de ser preocupante. Ao mesmo tempo em que fomenta uma grande familiaridade com Deus, não está isenta da manipulação da divindade, com promessas ousadas de curas e exorcismos, e com a demanda sôfrega de favores e milagres, respaldadas por um fideísmo incondicional. Esta experiência de fé circunscreve-se ao espaço da própria subjetividade, bem a gosto da modernidade. Os indivíduos vão ao encalço de experiências religiosas e místicas onde se sintam amados pela divindade, curados de suas feridas interiores, libertados de toda sorte de opressão, protegidos contra o mal deste mundo. Dificilmente defrontam-se com um Deus que os questione no mais íntimo, exigindo um compromisso na linha da justiça e do amor.

Junto com a teologia, a cristologia e a pneumatologia, é mister considerar o tema da eclesiologia, tendo como pano de fundo a

nova imagem de Igreja que brota do movimento pentecostal. Elementos olvidados com o passar do tempo são revalorizados: a posse de carisma como pré-requisito para o exercício dos ministérios e serviços, a dimensão pneumatológico-carismática da Igreja, a oração cheia de vida, a manifestação de carismas extraordinários. Estes ingredientes, mal entendidos, têm dado origem a sérios desvios eclesiológicos.

A hermenêutica bíblica, praticada no âmbito pentecostal, exige ser redimensionada, de modo a serem estabelecidas pautas corretas de interpretação das passagens bíblicas que lhe servem de base escriturística, mormente, os textos referentes aos dons do Espírito Santo (1Cor 12,10.28-30; Rm 12,6-8; Ef 4,11). A tentação fundamentalista e a aplicação apressada, sem a devida hermenêutica, de textos neotestamentários a situações atuais têm gerado semânticas indevidas do texto bíblico, que impedem perceber onde e como, realmente, o Espírito atua, hoje. Uma leitura ingênua e descontextualizada da Bíblia tem produzido até mesmo, sentidos contrários à dinâmica interna da Palavra de Deus e da Tradição histórica desta mesma Palavra.

Ainda sob o aspecto teológico-pastoral, o pentecostalismo coloca em cheque a liturgia católica monótona e ritualista, que não soube assimilar os valores importantes da cultura brasileira. As celebrações pentecostais primam pela descontração, pela alegria, pela musicalidade envolvente, pelo ambiente festivo e gostoso, num clima de empolgação religiosa. Este espontaneísmo, não poucas vezes, tem gerado manifestações estranhas à Tradição cristã. Os teólogos e pastoralistas, mormente os ligados ao movimento litúrgico, têm diante de si a tarefa de redescobrir e revalorizar a riqueza da liturgia cristã inculturada.

A onda pentecostal recolocou a questão da opção preferencial pelos pobres. Ponto de convergência da teologia da libertação e da prática das comunidades eclesiais de base, os pobres foram os que mais se encantaram com as igrejas pentecostais. A insistência no dom da cura, na libertação do poder demoníaco, nas promessas de milagres, somadas aos cultos onde se possibilita extravasar os sentimentos, na melhoria de vida e na pretensa idéia de ascensão social, transformaram as igrejas pentecostais em autênticos *refugium pauperum*. Vai-se aos seus cultos na esperança de encontrar solução para os problemas imediatos e graves, sem luta e sem esforço, implorando intervenção direta de Deus.

No universo católico, o pentecostalismo tem fascinado as pessoas da classe média. Quiçá encontrem nele o caminho para supe-

rar o desencanto com uma Igreja triste, rotineira e sem perspectivas. Mas, também, para o pentecostalismo migraram não poucos militantes das comunidades de base, talvez cansados com os discursos politizados e com as contínuas convocações para transformar a realidade através do compromisso sócio-político. A opção pentecostal, neste caso, corresponderia a uma busca sôfrega de sossego após longos anos de luta infrutífera por um ideal utópico de mundo novo, que parece ir se tornando sempre mais inalcançável.

É tarefa do ministério teológico reconsiderar, neste novo contexto, a opção preferencial pelos pobres, a dimensão sócio-política da fé, a responsabilidade cristã de lutar pela justiça, a questão da consciência crítica diante dos sistemas que massacram e excluem largas faixas da população, criando um quadro dantesco de massas sobradas, reduzidas à miséria absoluta. O tom celebrativo e alegre das manifestações pentecostais não pode abafar o grito surdo dos pobres, clamando por justiça, nem anestesiar-lhes as consciências, levando-os a crer que está tudo bem e que basta confiar a Jesus a solução dos problemas da humanidade.

O conceito de participação política vem à baila no pentecostalismo. Os grupos pentecostais têm investido pesado na participação política de seus membros, criando seus próprios partidos políticos, ou servindo-se de siglas partidárias disponíveis, especialmente as mais conservadoras, para lançar e eleger seus candidatos. Como se trata de pessoas despreparadas para o exercício do poder, sua participação política, em geral, reduz-se à defesa de interesses menores de suas igrejas, ou, em alguns casos, à defesa de seus interesses particulares. A convivência com esquemas anti-cristãos e desumanos, e o ingênuo apoio oferecido a eles, têm sido duas atitudes constantes de políticos pentecostais improvisados.

Pertence ao passado a hegemonia religiosa católica no Brasil. As outras Igrejas, mormente as pentecostais, já não admitem serem marginalizadas, e fazem valer seu direito de cidadania no cenário brasileiro. A Igreja Católica, convencida desta realidade, precisa repensar-se a partir de novos parâmetros: o critério quantitativo deve dar lugar ao qualitativo evangélico. Muito sensatamente a Igreja Católica não se tem mostrado disposta a defender, a ferro e fogo, a primazia religiosa que detinha no passado. Aliás, seria um desatino e transformaria o país num palco de guerra religiosa, se insuflasse nos seus membros a chama do sectarismo fanático. Por outro lado, seria ilusório deixar-se abater por um

complexo de culpa, como se a única causa do fluxo de católicos para as igrejas pentecostais fosse a incapacidade de a Igreja acolhê-los e dar-lhes o devido valor. Optar pelo mimetismo, e trazer indiscriminadamente para dentro da Igreja certas práticas pentecostais, mostrar-se-ia, com o tempo, inconveniente.

A Igreja tem pela frente uma tarefa ingente no tocante ao fenômeno pentecostal. A primeira atitude deve consistir em analisá-lo, e considerá-lo nos seus vários aspectos, de modo particular o sócio-cultural. O título de uma obra recente sobre o tema define bem esse fenômeno: "Nem Anjos Nem Demônios" (Vozes, 1994). Sem dúvida, existe aí joio e trigo misturados. Um discernimento sereno indicará o que pode ser assimilado com proveito. Outro passo importante consistiria em redefinir a articulação ministerial da Igreja, e implementar, finalmente, a eclesiologia do Vaticano II, que recuperou, na *Lumen Gentium*, uma categoria eclesiológica tão cara à Igreja Primitiva: Povo de Deus (LG II). Numa Igreja, cujo centro é o Senhor, os leigos não serão tratados como cristãos de segunda categoria. Antes, serão eles os primeiros protagonistas da ação evangelizadora da Igreja. O episcopado latino-americano, fazendo eco ao Vaticano II, conclamou em Santo Domingo: "Que todos os leigos sejam protagonistas da nova evangelização, da promoção humana e da cultura cristã. É necessário a constante promoção do laicato, livre de todo clericalismo e sem redução ao intra-ecclesial" (DST 97 - grifos nossos). A liturgia pode tornar-se um rico manancial de evangelização e mediação de autêntica experiência de Deus, se for capaz de romper o círculo vicioso do ritualismo, e tornar-se, deveras, celebração da vida. Uma liturgia viva, inculturada e bem conduzida responderia a exigências espirituais profundas, nem sempre satisfeitas pelas celebrações pentecostais. Atenção especial deve ser dada à catequese. No espaço da catequese infantil espera-se que o esforço gigantesco para implantar a catequese renovada dê seus frutos. Sendo este um dado eclesial recente, é preciso esperar que amadureça e frutifique no tempo devido. Entretanto, é urgente reconsiderar a catequese de adultos, nos seus vários aspectos. A preparação para os sacramentos, os incontáveis grupos de círculos bíblicos, os grupos de espiritualidade, as reflexões feitas no âmbito das diversas pastorais são todas ocasiões para reforçar a identidade cristã do povo católico. Num outro patamar situam-se os cursos de teologia para leigos, onde se oferece aos cristãos engajados nas pastorais e movimentos um embasamento bíblico-teológico para sua militância, preparando-os para a vivência, sempre mais consciente e eficaz, de sua vocação no mundo e na Igreja. Os cursos de teologia para leigos deveriam ser incentivados e multiplicados.

Não menos importante é o desafio de propiciar aos cristãos a vivência de uma espiritualidade sadia, embasada na Tradição evangélica e ilustrada pelo testemunho de quem, ao longo dos séculos, soube viver com autenticidade sua fé.

Muitos pastores pensam que a resposta católica ao desafio pentecostal deva ser dada no mesmo diapasão. E recorrem ao pentecostalismo, de corte católico, visando a estancar a hemorragia de fiéis do corpo eclesial. Este pentecostalismo foi transplantado da Notre Dame University (USA) para o Brasil, na década de 70, por dois jesuítas norte-americanos. Três décadas depois, a Renovação Carismática Católica (RCC) configura-se como o movimento católico que mais cresce no país. Os mais de 4 milhões de adeptos da RCC têm preocupado a hierarquia católica, que se sentiu na obrigação de publicar, em 1994, um conjunto de "Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica" (Documentos da CNBB, nº 53), tendo sido este um dos temas debatidos na 32ª Assembléia Geral da CNBB, realizada em abril daquele ano. Com seus incontáveis grupos de oração, seminários de vida no Espírito, mega-eventos, presença na rádio e na TV, e espírito ardoroso, a RCC penetra no tecido eclesial, com o fito de renová-lo, segundo as concepções próprias deste movimento.

Com isso, o pentecostalismo da RCC tem provocado reações e tensões. No horizonte de uma renovação da Igreja, a RCC envia esforços para incutir-lhe vitalidade e dinamismo. Segundo os carismáticos, o processo de renovação deve atingir a Igreja na sua totalidade: liturgia, ministérios, espiritualidade, oração, leitura da Bíblia, testemunho público, dimensão missionária, catequese, literatura religiosa, uso evangelizador dos meios de comunicação. Com isto tem entrado em atrito com outros grupos e movimentos de Igreja. Estranham-se entre si em torno de binômios como alienação e secularismo, espiritualismo e politicismo, fundamentalismo e sociologismo bíblico, emocionalismo e racionalismo, etc.

Tensões desta natureza estão na origem da polarização interna de muitas comunidades, com dificuldade de encontrar um equilíbrio entre estas tendências conflitivas. Várias circunstâncias tornam a situação ainda mais complicada. No entanto, sem uma formação teológica séria, dificilmente se pode entrever uma saída pastoral.

Muitas pessoas que optaram pelo pentecostalismo estão à frente das comunidades católicas, generosamente disponíveis para os

*serviços e ministérios eclesiais. A atitude pastoralmente coerente e teologicamente responsável será a de oferecer-lhes formação adequada para uma vivência autêntica da fé cristã, na fidelidade ao projeto de Jesus.*

*A Igreja não pode perder a alegria e a esperança - Gaudium et Spes -, próprias de quem é guiada pelo Espírito. Este Guia divino, evidentemente, não a dispensa de viver numa contínua busca de solução para os problemas teológicos e pastorais com que se defronta a cada passo. O caminho se faz entre erros e acertos. É nesta atitude de busca que ela saberá navegar com segurança no mar revolto de tantos movimentos espirituais, plurais e ambíguos.*